



# A que ponto chegamos na opressão às mulheres no Brasil e no Mundo?

**Manifesto PPRI - 8 de março de 2024**

## ***Gaza: 9 mil mulheres assassinadas pelo Estado sionista e genocida de Israel***

O número de assassinatos de mulheres em Gaza pelo Estado sionista, armado pelos Estados Unidos, é uma barbárie inaceitável em si mesmo. Porém, a violência extrema que é desfechada sobre as mulheres palestinas inclui também a morte de seus filhos, em número ainda maior, as amputações de membros e estupros, as prisões, a tortura, a expulsão de seus lares, a privação de água, comida e atendimento médico.

Um enclave do imperialismo estadunidense na região, com mãos sionistas que movem armamentos e munições fornecidos pelos EUA, massacra um povo inteiro, e de forma ainda mais violenta as mulheres.

Governos do mundo inteiro se dizem chocados com as atrocidades, mas não tomam nenhuma medida concreta para pôr fim ao genocídio. Nem mesmo expulsam os embaixadores sionistas de seus países. Mantêm todos os acordos diplomáticos, comerciais, de defesa e segurança, acadêmicos, etc. Ao não fazerem nada de concreto diante de tamanhas barbaridades, como os fuzilamentos na fila da farinha, enviam a mensagem ao governo Netanyahu de que nenhuma atrocidade

poderá mexer com os acordos que Israel possui com os demais países. Apenas os rebeldes houthis, que controlam parte do Iêmen, bombardeiam navios de países apoiadores de Israel e dos EUA no Mar Vermelho, até que haja cessar fogo definitivo. Qualquer medida concreta de governos no mundo todo, para deter o genocídio, somente pode resultar da luta de classes, da pressão das massas oprimidas sobre seus governos.

As massas mundiais tomaram seu partido: estão ao lado dos palestinos, em todos os continentes. Greves e ocupações operárias em portos na Espanha, Bélgica e Grécia buscaram impedir o embarque de insumos para que Israel continue massacrando os palestinos. As manifestações massivas ocorrem em toda parte, e maiores ainda nos países mais próximos à Palestina. Até nos EUA, em Nova Iorque, dezenas de milhares enfrentaram a chuva e o frio para se manifestarem em favor da Palestina, e a maioria dos sindicatos do país aderiu à aliança em favor do cessar fogo em Gaza. Essas manifestações se chocam com a política de omissão dos governos diante dos massacres, e apontam para a unidade mundial das massas em defesa dos palestinos.

No Brasil, ainda existe pouco empenho das direções das organizações de massa para mobilizarem suas bases para as manifestações. A sustentação e apoio ao governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin e os interesses eleitorais e corporativos ainda são colocados acima da defesa dos palestinos massacrados. Até as correntes que integram as manifestações buscam canalizá-las para a via da disputa eleitoral. Uns, com a tentativa de transformar as manifestações em atos em favor do governo; outros defendem que se unam as bandeiras de disputa eleitoral à de defesa dos palestinos. A luta real contra o genocídio passa pelo rechaço ao eleitoralismo e organização da luta de classes ao redor das reivindicações que correspondem à derrota militar do sionismo e do imperialismo. Ou seja, pela ruptura total de quaisquer relações com Israel, expulsão de seu embaixador, bloqueio do envio de qualquer mercadoria ou serviço que possa ajudar os genocidas no Oriente Médio, por meio de greves, ocupações e bloqueios. Para salvar a vida de mulheres palestinas, é preciso organizar a luta independente dos explorados contra os exploradores e seus governos.


## ***EUA: direito ao aborto é destruído***

As decisões judiciais em vários estados estadunidenses que retrocedem a legislação do aborto refletem as tendências direitistas da burguesia mundial. A decomposição do capitalismo, que se manifesta hoje no avanço da crise econômica mundial, leva a que os capitalistas e seus governos, partidos e instituições ("democráticas") se voltem a despejar sobre as massas oprimidas o custo da crise do sistema. Têm de obter dos governos a capacidade de sustentar o parasitismo sobre as dívidas públicas impagáveis, cortando gastos e inves-

timentos públicos, e assim rebaixando os salários indiretos. Sabemos que as maiores perdedoras com a Reforma da Previdência no Brasil foram as mulheres. Têm também de favorecer o aumento da superexploração capitalista sobre as massas assalariadas, por meio da precarização do trabalho, que afeta cada vez maior quantidade de trabalhadoras. Diante da tendência estrutural da queda das taxas de lucros, agravada pela crise atual, os capitalistas devoram parte dos salários e direitos. As maiores afetadas são as mulheres.

A defesa das condições de vida e trabalho das massas, a maioria mulheres, não se dará por meio das eleições, da disputa parlamentar, das negociações no campo dos ataques fixados pelos governos e capitalistas, nem da via judicial. Tem de vir pela luta de classes, que se organiza com independência de classe, a partir da democracia operária. A luta de classes permite unir as massas para defender as condições de vida e trabalho dos oprimidos. Da burguesia e de seus governos, partidos e instituições, nada virá de progressivo, no Brasil e no mundo.


## ***Brasil: recorde de feminicídios***

 O Brasil registrou em 2023 um recorde de casos de feminicídio: 1.463 casos, cerca de quatro por dia, um aumento de 1,6% em relação a 2022. Podemos adicionar a esse dado o aumento dos estupros, violência sobre mulheres e menores, discriminação no trabalho e nas ruas. Apesar da legislação avançar, de se terem mais delegacias da mulher, de se ampliarem as decisões de distância para os agressores em relação às mulheres, a violência e as mortes de

mulheres só têm crescido no Brasil. A opressão sobre as mulheres cresce com a maior decomposição do capitalismo mundial. A razão disso é que um modo de produção em decadência só pode resultar em cada vez mais violência sobre os oprimidos em geral, e em particular sobre as mulheres. E do Estado, fonte de violência social, não virão ações que de fato protegerão as mulheres diante dos agressores. O Estado burguês é incapaz sequer de amenizar a violência sobre as

mulheres. Não será possível nem mesmo reduzir a violência sobre a mulher por meio de medidas educativas ou repressivas, quando a base econômica e social se desintegra e favorece cada vez mais a violência social em geral. Cada vez mais, é por meio da luta de classes, que se projeta CONTRA o Estado burguês e CONTRA os capitalistas, seus governos, partidos e instituições, que se defenderão as mulheres e demais oprimidos da sanha dos exploradores e de sua violência.


## ***O culturalismo é o oposto da defesa das mulheres por meio da luta de classes***

 As teses culturalistas surgiram no século XIX, justamente quando o capitalismo entrava na sua fase de decomposição, o imperialismo. Surgiram em contraposição ao marxismo, ao socialismo científico, que sustentava que o fim da opressão de todo tipo viria por meio da revolução proletária, do fim da propriedade privada dos meios de produção, base histórica de toda forma de opressão. Em oposição à luta de classes como motor da História, o culturalismo pregava que

a educação, a coação, a punição, enfim, a mudança da cultura levaria à mudança das relações sociais. Assim, por essas teses, não haveria por que desenvolver a luta de classes, e sim poderia haver uma conciliação entre camadas de classes opostas, mas consideradas ambas afetadas pelas opressões. O final do século XX trouxe a assimilação por parte da maior parte das esquerdas das teses culturalistas. Ao invés de desenvolverem a luta de classes, passaram a misturar culturalismo

com marxismo, o que resultou em sectarismo e reformismo eleitoreiro. Ao invés de organizarem os oprimidos para lutarem com independência de classe pelas reais necessidades, passaram a defender que é possível oprimidos e opressores trabalharem juntos pelo mesmo interesse no interior do Estado burguês ou a partir dele. Enquanto se galgam postos e cargos, se negociam no parlamento e se judicializam as demandas femininas, as mulheres sofrem cada vez mais violência.


## ***A defesa das reivindicações das mulheres é tarefa das organizações de massa, e com os métodos da luta de classes***

 As reivindicações mais sentidas pelas mulheres, como as de igualdade no trabalho, direito ao aborto, a creches públicas para todas, direitos específicos da maternidade, etc. são parte das reivindicações gerais das massas. As organizações de massas, as centrais, os sindicatos, o

MST, a UNE, os DCEs, os CAs, as organizações de bairro, moradia, têm a obrigação de incorporar as reivindicações específicas das mulheres nas pautas das campanhas salariais e demais mobilizações. É por meio da luta ombro a ombro que se podem combater as várias manifestações da opres-

são de classe, incluída a opressão sobre a mulher. Se se pretende educar os homens, é preciso que isso se faça na mobilização, na luta de classes. A educação política leva ao aumento da consciência coletiva de classe, e se desenvolve nas lutas contra a burguesia e seus governos.

## ***A revolução proletária estabelecerá as condições para se avançar em direção ao fim da opressão sobre a mulher, e também ao fim de toda forma de opressão***

 “O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino”, já dizia Engels (A origem da família...), o parceiro de Marx. A opressão sobre a mulher se desenvolveu historicamente de várias formas, mas tendo sempre como base a propriedade privada, em geral nas mãos dos homens. O fim definitivo da opressão sobre a mulher depende do fim da propriedade privada, que é sua base material. Não basta a revolu-

ção proletária, que acabará com o poder político e econômico da burguesia, mas ela é a base fundamental sobre a qual se poderá eliminar definitivamente toda forma de opressão, que são as várias manifestações da opressão de classe. Uma sociedade socialista, onde a propriedade social (de todos e de ninguém ao mesmo tempo) seja dominante, extinguirá as classes e com elas todas as formas de opressão social.

O primeiro passo para se avançar nessa direção é a organização da luta da maioria nacional oprimida, ao redor das suas reivindicações gerais e particulares, com independência de classe e os méto-

dos da luta de classes, sob a mais ampla democracia operária, de forma a erguer um movimento que imponha à burguesia e seus governos as reivindicações das massas. Sobre a base desse movimento, as massas constroem suas organizações próprias, e vão criando as bases da nova sociedade.

Assim, a luta pelo socialismo não se separa da luta pelas reivindicações imediatas, ao contrário, se estabelece uma ligação inquebrantável entre uma e outra. As mulheres, maioria das massas oprimidas, têm o seu lugar à frente disso tudo. A tarefa do partido-programa é trabalhar para que isso se realize.

***Em defesa do direito ao aborto! Trabalho igual salário igual!  
Proteção integral à maternidade! Universalização das creches!  
Em defesa da revolução e ditadura proletária!***